

O PROFESSOR E SUA PRÁTICA: ESTRATÉGIAS PARA UMA “EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE, PARA TODOS”¹

THE THEACHER AND YOUR PRACTICE: STRATEGIES FOR “QUALITY OF PUBLIC EDUCATION, FOR ALL”

¹*Giselle Faur de Castro*² / ²*Gloria Queiroz*

1 Universidade Federal Fluminense/ Pós-graduação em Educação e Unigranrio/ Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades/*gisellefaur@gmail.com*

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Instituto de Física e Universidade Federal Fluminense/ Programa de Pós-graduação em Educação/*gloria@uerj.br*

Resumo

Este trabalho é parte de um projeto de doutorado que começou a ser desenvolvido em 2011. Apresentaremos o professor de uma escola pública do Rio de Janeiro que participou como sujeito de nossa pesquisa de mestrado. Tal fato nos permite utilizar resultados da pesquisa anterior e cruzá-los com dados coletados este ano. Nosso objetivo é discutir caminhos que favoreçam reflexões filosóficas, políticas e pedagógicas acerca das práticas educativas e das suas interferências na sociedade em que vivemos e, assim, oferecer a licenciandos e professores em exercício opções de mudança. Neste trabalho, iniciaremos uma reflexão acerca da dimensão pedagógica que baseia a prática docente. Os discursos do sujeito foram agrupados em episódios segundo conteúdo e atividades. As análises mostraram que ele busca estratégias para mudar sua prática, seu ambiente de trabalho e a formação de seus alunos, através de parcerias com uma universidade e museu de ciência e tecnologia.

Palavras-chave: Prática Docente, Formação Inicial, Qualidade na Educação.

Abstract

This work is part of a doctoral project developed since 2011. We will present the teacher of a public school in Rio de Janeiro who participated as a subject of our previous research. This fact allows us to use results of previous research and cross them with data collected this year. Our goal is to discuss ways to promote philosophical, political and pedagogical reflection about educational practices and their influence in our society and thus offer undergraduates and teachers in exercising options for change. In this work, we will initiate a reflection about pedagogical dimension that is based teaching practice. The speeches of the subject were grouped

¹ CNPq – Autora Bolsista de Doutorado

² Bolsista CNPq de Doutorado.

in the episodes second content and activities. Analyses showed that he seeks strategies to change their practice, their work environment and education of students, through partnerships with a university and museum of science and technology.

Keywords: Teaching Practice, The Initial Education, Quality Education.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que se iniciou no ano de 2010 e começou a ser desenvolvida este ano com a pesquisa de campo. O problema de pesquisa pode ser definido, inicialmente, como: qual é o papel do professor na transformação do sistema escolar? Nesta questão mais ampla, é possível analisar três âmbitos de formação do professor e de sua prática: o filosófico, o político e o pedagógico.

Pensar o professor de Ciências, mais particularmente o de Física, no atual sistema educacional implica, necessariamente, analisar o atual panorama do Ensino de Física – essencialmente baseado no mecanicismo filosófico (QUEIROZ E ARAÚJO, 2005) – e suas implicações para a sociedade.

Na visão de Mészáros, a educação tornou-se instrumento que fornece os conhecimentos e a mão de obra necessária à maquinaria produtiva do sistema capitalista, além de transmitir “*um quadro de valores que legitima os interesses dominantes*” (2005, p. 15). Assim, ao invés de instrumento para a emancipação, a educação é mecanismo de contribuição para perpetuação e reprodução do sistema vigente. O Ensino de Ciências, de maneira mais geral, não foge a esse modelo. Percebe-se que a sala de aula, na visão tradicional, é vista como um conjunto de alunos isolados, eventualmente em competição uns com os outros. O aluno não é visto como um ser social e nem pode adquirir consciência social. É claro que a isso corresponde uma forma tradicional de transmissão de conteúdo, com suas aulas verticais – do professor para o aluno –, puramente expositivas, sua disciplina em sala, seus exames e reprovações, que espelham uma visão de mundo de hierarquias naturais e imutáveis. Aqui é preciso deixar claro que o currículo tradicional veicula uma visão mecanicista³ do mundo – e suas implicações políticas e sociais – quaisquer que sejam as práticas em sala de aula. O método tradicional transmissivo nasce com este currículo e a ele se associa de modo natural. Preservar o currículo tradicional e sua visão reducionista e tentar implementar mudanças pedagógicas pontuais, em outras palavras, mudar a forma mantendo o conteúdo, terá pouco efeito no resultado final: o atual currículo é um empecilho para a construção da cidadania, ou seja, para a preparação de indivíduos capazes de participar criticamente de uma sociedade democrática por meio da garantia de seus direitos e do compromisso de seus deveres.

Mas como fazer diferente, se pensamos que há chances de transformações que caminhem contra o processo da reprodução social, realizando mudanças sociais na escola e contribuindo para a emancipação de indivíduos/comunidades em prol de um coletivo mais justo para todos? Nesse sentido, podemos analisar três dimensões relacionadas à Educação e ao Ensino de Física de maneira particular: filosófica, política e pedagógica. Ao analisar o ensino de Física predominante hoje, é possível contrapor as atuais concepções com uma nova visão dessas dimensões: a filosófica – a crítica ao reducionismo mecanicista e uma compreensão dialética da relação do simples com o complexo como o ponto de partida para o conhecimento inter e transdisciplinar; a

³ O “racionalismo mecanicista” marcou o pensamento científico e concebeu uma realidade objetiva, delimitada a partir de leis físicas e matemáticas, implicando linearidade, monocausalidade, determinismo, reducionismo e imediatismo.

política – o vínculo entre o reducionismo mecanicista e a vida social baseada no individualismo; a pedagógica – ensino baseado no dialogismo e na consequente democracia em sala de aula com participação dos alunos como caminho para sua conscientização⁴ e emancipação.

Como relatado anteriormente, nosso estudo, de maneira geral, caminha na direção de discutir possíveis caminhos que favoreçam reflexões acerca das práticas educativas e das suas interferências na sociedade em que vivemos e, assim, convidar licenciandos e professores em exercício a se engajarem nas mudanças demandadas. Neste trabalho, nos restringiremos a iniciar uma reflexão acerca da dimensão pedagógica que baseia a prática docente. Isso não implica a exclusão total das análises política e filosófica, apenas não será esse nosso objetivo central.

O PROFESSOR E SUA PRÁTICA NO ATUAL SISTEMA ESCOLAR

Compreender a construção do conhecimento e como ele se dá no processo de ensino e aprendizagem é um exercício constante e implica, necessariamente, uma análise da prática docente e de seus objetivos. Para isso, é importante entender o professor como sujeito histórico e, como aponta Cunha (2003), “*revelador de um contexto social e engajado, conscientemente ou não, em um projeto político*” (p. 51). Assim, este professor está imerso em um contexto sócio-histórico-cultural, sofrendo influências na avaliação e revisão dos valores construídos ao longo da sua vida, atualizando seus objetivos e consolidando sua identidade profissional, o que configura também as estratégias de ensino utilizadas em sala.

Refletir sobre a prática docente e analisá-la apesar da sua complexidade implica em criticar uma prática que gera a contínua reprodução da sociedade e de suas mazelas sustentadas/apoiadas no individualismo exacerbado, delineando desse modo uma abertura para possíveis práticas contra hegemônicas. Para isso, cabe notar que Bourdieu construiu uma teoria acerca do funcionamento do sistema escolar e concluiu que a escola, “*longe de reduzir as desigualdades sociais, contribui para reproduzi-las*” (BONNEWITZ 2005, p.113). Em entrevista à professora Menga Lüdke (1991, p. 4 apud Pereira, 1997, p. 39/40), Bourdieu enfatiza que:

Não há nenhuma contradição, nem teórica nem política, no fato de dizer que o sistema escolar contribui (é esta a palavra importante) para reproduzir a estrutura social, e o fato de tentar transformá-lo para neutralizar alguns de seus efeitos. Digo exatamente que contribui, em parte que varia segundo os momentos, segundo as sociedades.

A palavra contribui relativiza a reprodução, ou seja, não é possível pensar que de um lado há a reprodução pura, sem resistências, e de outro a prática pura e simples. Nesse sentido, a afirmação segundo a qual a escola reproduz a estrutura social desconsidera algo essencial para Pereira (1997): “*a autonomia do campo cultural em relação aos campos político e econômico*”.

Em “A Reprodução” (1992), Bourdieu aponta que a seleção das disciplinas e a escolha dos conteúdos disciplinares acontecem a partir das relações de força entre grupos sociais, ou seja, a cultura escolar não é neutra. Pereira (op. cit.), baseado na obra de Bourdieu sobre a prática educativa, afirma que o conhecimento escolar é desigualmente distribuído entre as classes e os grupos sociais, apesar do discurso sobre a igualdade de oportunidades escolares. É nesse sentido

⁴ Em Freire, conscientização é “*exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica [...] é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado*” (1996, p. 54). “*A conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso*” (Freire, 1987, p. 5).

que a escola, para ele, se encaixa na ‘lei de retorno’ do capital simbólico: o capital simbólico retorna às mãos dos que já o possuem. Alerta, então, para uma possível reflexão acerca das ingenuidades pedagógicas e do “problemático” otimismo das pedagogias liberais e libertárias. Segundo ele, tudo indica que a prática educativa escolar não pode ser libertadora,

não porque os professores não queiram ou adotem pedagogias conservadoras, nem devido a tal ou qual política estatal, mas porque isso está escrito na lógica da inserção da escola no processo de transmissão cultural das sociedades capitalistas. A escola está conformada a uma determinada funcionalidade social e dela talvez só possam ser esperados certos resultados e não outros.

Dessa maneira, nem a forma pedagógica nem decretos do governo transformariam o papel da escola, uma vez que o sistema escolar funciona de maneira mecânica e indiferente ao dilema da Prática Reprodutivista versus Prática Libertadora. Ou seja, os reais obstáculos para a mudança social não estariam na “resistência à mudança dos professores” ou na “força de inércia do sistema”, mas sim, fundamentalmente, nas funções sociais do sistema escolar inserido nas sociedades burguesas (BAUDELLOT 1991, p. 36, apud PEREIRA, 1997).

Tais reflexões nos ajudam a pensar que é preciso traçar caminhos para transformar o atual panorama social, mas atuamos no campo educacional. Novamente perguntamos: o que fazer?

Sobre a obra de Bourdieu, Prado Jr. (1980) nos diz que:

A Reprodução [...] dá o que pensar, tanto ao nível de uma teoria geral da educação [...] quanto àquele, mais próximo, da recente história da escola [...] porque foi o ponto de partida de todo um processo de ‘desconstrução’ da representação vulgar das instituições pedagógicas [...] mas sobretudo porque dá pistas, talvez nem sempre conscientes na mente dos autores, da gênese da ilusão que ajudam a resolver (p. 20 apud Catani et al., 2002, p. 10)

Se existe saída – e acreditamos que exista –, qual é o papel do professor em meio a esse sistema escolar hegemônico em nossa sociedade? Que postura docente permite transformar a escola e a sociedade da qual faz parte, pelo menos no seu entorno?

Não podemos abordar essas questões sem trazer para a discussão Paulo Freire (1996), quando nosso pensador afirma que ensinar exige alguns saberes indispensáveis que devem fazer parte do repertório de saberes do professor, seja ele progressista ou conservador. Ensinar exige: pesquisa; respeito aos saberes do educando; criticidade; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; consciência do inacabamento; respeito à autonomia do ser e do educando; convicção de que a mudança é possível; segurança, competência profissional e generosidade; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade ao diálogo.

É claro que todos esses “requisitos” vão sendo construídos ao longo da vida profissional do professor e fazem parte do seu cotidiano. É claro ainda que todos eles nos ajudam a pensar as questões que acabamos de trazer. Vamos aqui nos limitar a analisar dois desses saberes citados: a educação é uma forma de intervenção no mundo e reflexão crítica sobre a prática.

No que diz respeito à intervenção no mundo, Freire faz uma consideração muito importante: a intervenção no mundo implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*, não podendo a educação ser só uma ou só a outra. Nesse sentido, é possível criar esforços e pensar estratégias para transformar a prática pedagógica e, conseqüentemente, interferir no mundo de modo mais consciente. É com essa perspectiva que

Paulo Freire vem nos falar de dar voz aos oprimidos, de possibilitar a resistência, a indignação. Fica claro ainda que não basta ao professor saber apenas o conteúdo de sua disciplina, apesar de necessário, mas é preciso também saber como e para que ensiná-lo. A prática docente envolve movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar e exige a reflexão crítica sobre a própria prática a fim de que a decorrente relação teoria/prática, também dialética, possa estar presente na sala de aula. Quanto mais o professor exercita a análise de sua prática, melhor ele se percebe como educador e mais chances tem de mudar.

Diante de todas essas reflexões acerca da prática docente, vamos agora analisar a postura de um professor diante da realidade educacional na escola pública estadual onde trabalha, diante de sua própria prática e diante das possibilidades de mudança que ele mesmo cria para dar conta de seus objetivos para a Educação. Tal postura foi por nós inferida a partir da interpretação de seu discurso em situação de entrevista semi-estruturada acerca da sua formação inicial e da sua prática, além de comunicação via e-mail com os colegas da escola de ensino médio em que atua.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma vez que interpretamos o discurso de um professor, o caráter complexo e subjetivo dos dados requereu uma linha qualitativa de pesquisa, ou seja, “*uma metodologia de investigação que respeite sua natureza*” (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 99). Não podemos esquecer que, no enfoque interpretativo, todo processo de investigação já é um fenômeno social que pressupõe complexa interação entre pesquisador e o objeto pesquisado. A nossa proposta de pesquisa qualitativa se enquadra, dentre os quatro tipos considerados por Ludke e André — etnográfico, estudo de caso, participante e pesquisa-ação — no segundo, estudo de caso. O objeto de estudo foi especificamente um professor de Física. Para essas autoras, o estudo de caso “*se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada*” (1986, apud DUARTE, 2005, p. 218).

Optamos, então, por utilizar os dados coletados ainda na pesquisa de mestrado em uma entrevista semi-estruturada – roteiro que contém questões prévias – e também os dados coletados já na pesquisa do doutorado através dos e-mails trocados pelo nosso sujeito e seus pares. De todos os dados, selecionamos os aspectos que consideramos mais significativos, tornado-os assim nossos dados de pesquisa. Para a Análise dos discursos, os trechos de um mesmo aspecto considerado por nós mais significativos foram agrupados no que chamamos de EPISÓDIOS - “*conjuntos de enunciados que criam o contexto para a emergência de um determinado significado ou de alguns significados relacionados*” (AMARAL E MORTIMER, 2006, p. 257).

Nosso Sujeito: Francisco

Nosso sujeito é um professor de Física, licenciado em 2007. Atualmente, dedica-se ao magistério e à mediação em um Museu de Ciência e Tecnologia, sendo professor na rede estadual de educação. Além disso, é mestrando em Ensino de Ciências em uma instituição federal do Rio de Janeiro. Este professor já foi nosso sujeito, ainda em nossa pesquisa de mestrado, quando realizamos uma entrevista que foi analisada e servirá neste trabalho como uma caracterização inicial. Na época, o professor estava iniciando sua prática profissional no colégio onde atua até hoje. Diante de todos os problemas que faziam parte do contexto no qual nosso sujeito estava inserido, ele se colocou, desde o início, como um professor contra-hegemônico que não deixou de lutar pelo direito dos alunos e da escola pública. Nesse sentido, alguns atritos, que analisaremos a

seguir, são apenas parte dos embates, nos quais Francisco foi protagonista. É nesta perspectiva que o referencial teórico estudado nos dará base para pensar o ensino majoritariamente reprodutivista e o ensino que busca transgredir essa lógica atual do sistema educacional.

ANÁLISE DOS DADOS

Francisco é um professor de Ensino Médio que trabalha na rede estadual de educação e cursa seu mestrado em uma instituição federal. Preocupado com a formação social e política de seus alunos, tem por lema: POR UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE E DIGNA, PARA TODOS. Tal slogan é escrito por ele em todos os seus e-mails. Como mencionado anteriormente, os enunciados de nosso sujeito foram organizados em episódios para facilitar a análise e a posterior leitura dos resultados. Na interação com os dados, foram criados seis episódios, sendo três trazidos da pesquisa do mestrado – Prática, Formação Inicial, Escola – e outros três gerados na atual pesquisa de doutorado – Liderança, Prática contra hegemônica, Professor-Pesquisador. No primeiro momento traremos a análise dos três primeiros episódios, fruto da pesquisa de mestrado, e no segundo momento traremos a análise dos novos episódios.

PRIMEIRO MOMENTO: 1ª entrevista realizada ainda no mestrado.

1º Episódio: A Prática

Sobre sua prática, o professor, nos enunciados abaixo, utiliza o termo construtivismo próprio da área de pesquisa acadêmica em ensino de Física. Segundo ele, o importante é não trazer tudo pronto, mas deixar que os alunos construam seu próprio conhecimento:

...que através do construtivismo... construtivismo é importante ali para essa... essa questão do fazer as perguntas para eles, para eles chegarem à resposta, não simplesmente chegar e trazer tudo para eles... é a base teórica que acaba... que contribuiu principalmente ali para também chegar à forma como dou aula não é. Acho que tem um pouquinho de tudo [ri], a prática, a teoria, é tudo misturado... não tem muito como separar não, está tudo junto. [...] Eu procuro fazer muitas perguntas para os alunos não é... eu nunca fico falando, falando, falando sem parar porque para mim não adianta nada, ficar falando só... eles não vão absorver nada ali. Eu costumo levar muitas perguntas para eles em sala de aula, até como forma de desafio. (...) só para levantar um pouco a curiosidade deles...

Em seu discurso, Francisco utiliza palavras – teoria e prática, construtivismo – do vocabulário específico dos pesquisadores da área, adotando um conjunto de enunciados típicos. Veremos mais adiante que tal apropriação se tornou possível pela sua participação na iniciação científica em duas instituições, sendo uma delas seu próprio curso de formação inicial e outra um Museu de ciências, instituição de educação não formal voltada para a divulgação científica, na qual bolsistas realizam pesquisa sobre educação, além de mediarem visitas escolares e para o público geral. Assim, podemos inferir aqui um diálogo com o conjunto da formação inicial desse professor que vai além das atividades de ensino na universidade. Vemos ainda nesse enunciado que o professor identifica a base teórica da sua formação inicial – Saberes da Formação Profissional – como fundamental para a construção de sua identidade profissional e a inseparabilidade das dimensões teórica e prática em sua concepção de ação docente. O professor Francisco caracteriza as perguntas que leva para os alunos como parte de sua estratégia de desafio e motivação. Assim, é possível notar a valorização do papel ativo do aluno com relação às perguntas feitas em sala de aula. Podemos inferir também que Francisco não apresenta um

discurso vazio ao tratar das concepções alternativas, já que afirma que as respostas dos alunos são aguardadas para serem utilizadas na construção dos conhecimentos cientificamente aceitos.

2º Episódio: A Formação Inicial

Sobre sua formação inicial, Francisco apresenta diferentes aspectos identificados por ele como fundamentais para capacitá-lo a atuar como docente no ensino médio de forma inovadora, atualizada com as orientações que recebeu durante seu curso na universidade:

...Com certeza, no convívio na iniciação científica (durante a licenciatura) com a Professora C e Professora A⁵ e convívio com o técnico⁶, no Museu com o Pesquisador⁷ que também desenvolve experimentos, essas coisas todas. E meu convívio mesmo com o Museu. Que museu, a gente tem essa coisa de não... de não focar no conteúdo, mas sim no processo de como é trabalhado; aquilo ali que é o objetivo principal no museu, eu acho, não é? Acho que foi basicamente isso (...) Total [risos]. Eu não queria dar aula antes de, de... ter uma base legal na faculdade eu acho que eu fiz certo... quando a gente começa a dar aula durante a faculdade, a gente vai fazer o que a gente aprendeu no segundo grau. Seria uma aula completamente tradicional, não levaria experimento... e daria aulas extremamente expositivas... Eu acho que a grande contribuição veio com minha formação que foi (...) indagar os alunos, questionar os alunos, (não é?) a pensar um pouquinho não é?... não só levar o conteúdo para eles, tudo pronto.

O professor Francisco destaca sua experiência em pesquisa na iniciação científica, revelando o valor dessa etapa de sua formação. Além disso, demonstra apropriação dos discursos das disciplinas cursadas por ele na universidade. Podemos inferir aqui que várias vozes integram o discurso desse professor ao fazer referência aos professores formadores, ao técnico de laboratório e ao pesquisador do Museu, mostrando ainda a importância da construção dos saberes na formação inicial. Além disso, fala do convívio com o Museu de ciência e tecnologia no qual também estagiou no período da licenciatura, valorizando os experimentos de baixo custo para público geral e o processo de mediação desenvolvido e que se contrapõe à simples transmissão do conteúdo. Nesse sentido, Francisco relata a contribuição recebida no que diz respeito ao questionamento inicial como fundamental para o processo de construção do conhecimento com ativa participação dos alunos. Destaca-se especialmente nesse episódio a determinação na escolha do momento de dar início à ação docente no ensino médio, não tendo exercido o magistério antes da conclusão da licenciatura, justificando que não conseguiria utilizar estratégias de cunho construtivista que hoje considera essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. Após a sua experiência, confirma sua escolha como correta – deu certo. Como aponta Guimarães (2006), deve-se reconhecer que é com a formação inicial que temos alguma possibilidade de iniciar a atuação docente “*tornando-a, no contexto dos outros processos, desencadeadora e articuladora dos demais aspectos envolvidos na profissionalização*” (p. 47-48).

3º Episódio: A Escola

Na época da coleta destes primeiros dados, o professor estava iniciando sua profissão no magistério e já encontrava algumas dificuldades na escola estadual onde trabalhava, entre elas a relação com outros colegas de profissão da mesma instituição:

[...] estou entrando num colégio em que a maioria dos professores não trabalha da mesma forma que eu (...) sei lá parece que os professores não... não acreditam muito

⁵ Professoras formadoras no curso de licenciatura em questão.

⁶ Técnico de laboratório didático na universidade.

⁷ Pesquisador em um Museu de Ciência e Tecnologia.

nos alunos (...) acho que os professores não acreditam muito no potencial dos alunos. Eu estou tentando, estou tentando (...) porque é difícil fazer um trabalho diferenciado enquanto, sei lá... dez professores fazem uma coisa diferente de você.

Nesse episódio, percebemos a tentativa do professor de esboçar um desenvolvimento profissional persistente em suas investidas em diferenciar seu trabalho do da maioria de seus colegas. Atribui o fato da ação diferente da sua à descrença dos outros professores quanto às reais possibilidades de um desempenho satisfatório dos alunos. Revela-se como um professor novato "tentando" superar as dificuldades de um trabalho solitário na escola em que atua. Assim, sua visão contra hegemônica diz respeito ao papel desempenhado pelo professor que acredita no potencial de aprendizagem de seus alunos da rede pública. Notamos aqui outro aspecto importante na construção dos saberes docentes que é a relação com os pares (TARDIF, 2002).

SEGUNDO MOMENTO: Hoje, três anos após a entrevista, Francisco continua a enfrentar problemas de divergências de postura diante da prática profissional com outros professores. Para entender tais dificuldades e as escolhas de Francisco, vamos analisar e-mails trocados entre ele e professores da escola. O contexto desta primeira mensagem é o início do ano letivo.

4º Episódio: A Liderança

- E-mail enviado pelo professor aos seus colegas da Escola no dia 10 de fevereiro de 2011

Este e-mail inicialmente se dirige aos colegas de área, mas é claro que está aberto para os demais que se interessarem em trabalhar em conjunto com os coleguinhas da área das Ciências da Natureza [...] Aos coleguinhas de L. Portuguesa as ferramentas trabalhadas por vocês serão extremamente úteis, vamos fazer dos nossos monstrinhos os protagonistas do processo de Ensino e Aprendizagem. [...] Eu Prof. de Física, gostaria muito de poder trabalhar com os demais colegas, para tal fiz uma pequena consulta às competências e habilidades das disciplinas: Física, Química e Biologia. Fiquei animado ao perceber uma possibilidade para podermos unir nossos esforços em prol de um Ensino Público de Qualidade, como todos já devem ter percebido no Jardim de Inverno, uma mesa improvisada onde estão os Terrários (micro ecossistema fechado, onde há apenas troca de energia) construídos com algumas turmas do 1º ano de 2010, utilizamos duas garrafas PET, brita, areia, terra adubada, água e fita adesiva. Mas enfim, o que isso tem a ver com os colegas de área? - Biologia: no segundo item do 1º Bimestre; Química: no segundo item do 1º Bimestre; Física: 1º Bimestre. Enfim dentro desta maluquice pretendo realizar duas oficinas, a primeira é claro de construção e discussão do Terrário e uma oficina de sorvete (galera de Química vamos usar salmoura para congelar o sorvete, e galerinha de Biologia para que o sorvete não vire uma pedra de gelo as gorduras são fundamentais) com os nossos monstrinhos. Aguardo o contato dos coleguinhas de trabalho. POR UM ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE

Neste e-mail, o professor tenta assumir nitidamente um papel de liderança, no que transparece sua preocupação com o engajamento dos colegas em um trabalho coletivo, procurando motivá-los, convidando-os a observar as produções dos alunos, entre as quais se incluem produtos de oficinas pedagógicas de caráter experimental e voltadas para a divulgação da ciência, que estão expostas em espaços externos à sala de aula, tal como o “jardim de inverno”. Tais estratégias se tornaram parte do seu repertório em função tanto da sua formação inicial, como da sua ação em um museu de ciência e tecnologia. Notamos ainda que para se mostrar aberto ao trabalho com outras áreas de conhecimento, nosso sujeito buscou de alguma maneira romper as barreiras disciplinares, estudando como outras disciplinas podem trabalhar em conjunto com a Física através da perspectiva inter e transdisciplinar:

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. [...] O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História (Freire, op. cit., p. 136).

Além disso, como já notado, Francisco enuncia palavras próprias da pesquisa em Ensino de Física, indicando que tem apropriada a linguagem da área. Não podemos deixar de notar que, ao valorizar o conhecimento de língua portuguesa na formação dos alunos, Francisco quer que eles – os monstros – sejam os verdadeiros protagonistas em sua sala de aula e na Educação.

5º Episódio: A Prática contra hegemônica

- E-mail enviado por Francisco dia 2 de abril com fotos do evento organizado por ele na escola:

Encaminho as fotos do 2º Museu vai à Escola (o 1º foi o evento 1º Fast Ice Cream), realizado no dia 31 de março de 2011 no Colégio Estadual. Realizamos duas atividades simultaneamente (além é claro da minha aula para as minhas turmas): Cozinhando com a Química: Bolo de Chocolate de Caneca no Microondas e Fala Primeiro: Quiz Astronômico. Agradeço imensamente a colaboração, participação e carinho dos estagiários. Agradeço a Coordenação de Educação em Ciências do Museu de Ciências por nos proporcionar não apenas o convívio com colegas de trabalho tão especiais, mas para além disso amigos e amantes desta profissão (Professor-Mediador). Dizem os boatos que tiveram alunos que fizeram as duas oficinas em casa para os familiares... construíram terrários... entre outras atividades que já trabalhamos no Colégio.

Fica evidente a tentativa de nosso sujeito de fazer com que a escola seja um ambiente agradável para os alunos e com que o conhecimento a ser construído faça sentido na vida dos estudantes. Para isso, se utiliza de oficinas para trabalhar conteúdos, não só de Física como também de outras disciplinas. Entre as várias fotos que ele enviou, selecionamos duas do Quiz⁸ na Escola:



Percebemos, pelas fotos e pelo enunciado do professor, que os alunos se mostraram muito curiosos e participativos nas atividades realizadas. Podemos dizer que as estratégias de Francisco buscam o respeito à curiosidade do educando, seu gosto estético, sua inquietude, sua linguagem (FREIRE, op. cit.). É notória então a característica dialógica de nosso sujeito não somente com os alunos que participam ativamente das atividades, mas também com os professores, compartilhando o processo e os resultados de suas estratégias, e com outros profissionais da educação – estagiários da universidade e do museu. Este diálogo revela a busca pela parceria entre educação formal – Universidade/Escola – e educação não-formal – Escola/Museu. Além disso, o professor Francisco não despreza a necessidade da aprendizagem do conteúdo e do domínio de ferramentas culturais específicas das áreas de conhecimento, uma vez que suas

⁸ Atividade em que um mediador faz perguntas e duas pessoas de equipes diferentes tentam responder primeiro.

atividades demonstram ter como objetivo a construção do conhecimento curricular. É importante dizer, para entender o contexto dessas atividades e apreender o compromisso político-social que o professor possui em relação a seus alunos, que professores da rede pública estadual estavam em paralisação no dia da realização das oficinas. Francisco recebeu crítica de professores por ter trabalhado com seus alunos neste dia:

- Resposta de uma professora ao e-mail de Francisco, também no dia 2 de abril:

Oi Professor. Admiro seu entusiasmo com os alunos. Parece que você realmente gosta de sua profissão. Algo bem raro hoje em dia!!! Só acho que você poderia ter agendado esse evento para outro dia em respeito ao nosso movimento de paralisação. Confesso que não fui ao ato, mas de certa forma contribui para o mesmo porque meus alunos não compareceram. Todos sabemos que a Educação do país está bastante desvalorizada e sendo assim acho que se faz necessário a nossa participação efetiva nessa luta. Espero que tenha entendido minha posição e a de alguns colegas em não ter prestigiado sua atividade, pois esse foi o único motivo. Todos nós sabemos que nossa escola e nossos alunos precisam e muito de nossa colaboração, visto que a mesma está passando por uma fase difícil [...]. Um abraço, X

- Resposta de Pedro ao e-mail da professora:

Com autorização da Professora (obrigado pelo carinho e satisfação por não ter participado das nossas atividades, mesmo não tendo obrigação, é assim que avançamos e crescemos na vida: conversando, discutindo, expondo as situações...), encaminho o e-mail em resposta a questão. Teve aula no turno da manhã, com oficinas de bolo de chocolate (através da atividade Cozinhando com a Química) e Quiz Astronômico (uma parceria entre o Instituto de Física da Universidade, Museu e CE) e aula de Física com o autor deste pequeno grande e-mail. [...] entendo perfeitamente a posição da maioria dos professores, mas eu enquanto professor-pesquisador (estudo/observo a minha prática de aula e o meio em que trabalho, a todo momento, por isso faço mestrado na área - Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação) já percebi o quão inútil são estas paralisações, nós estamos apenas reforçando a política da não aula [...] Estou sempre atento às situações geradas no interior da nossa UE, no ano passado estávamos com esta cultura [...] eu apenas acho que isso não deve ser uma coisa boa, apenas acho! Lugar de aluno é na escola, e se for necessário sair da escola para alguma coisa, façamos um aulão público na frente do palácio Guanabara [...] Meu objetivo foi apenas conseguir dar aula para 3 turmas [...] Então vamos aos dados (assinatura de todos os grupos que participaram) da atividade da Oficina de Bolo de Chocolate, 91 assinaturas [...] ninguém sente falta de ir para escola, pelo simples fato de não gostar da mesma, a minha política é, vamos fazer estas crianças gostarem da escola, sentirem falta dela, ficarem ansiosos para que o final de semana acabe logo... aí sim, eu digo a você com toda convicção, conseguiremos fazer uma paralisação de verdade [...] Temos que resgatar a cultura da boa escola, reconstruir essa identidade de escola que nos foi retirada, lugar de criança é na escola e a escola tem que trazer benefícios e o que eu mais prezo em meio a tudo isso é a felicidade... será que não temos como sermos felizes? Ou mesmo fazermos nossos alunos felizes dentro da escola? Entendo perfeitamente que merecemos melhores salários, mas não é por isso que serei infeliz e farei meu aluno infeliz, sejamos felizes, porque se estivermos todos juntos, aí sim, acredito numa real mudança... Será que muito dos “desprofissionais” da educação passarão a trabalhar como devem, ganhando um salário digno? E o slogan continua POR UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE, para todos.

Notamos, inicialmente, que este e-mail, não somente pelo tamanho, mas também pelo conteúdo escrito, é uma resposta a professores e servidores de um professor que luta pelo que considera melhor para seus alunos. Para ele, lugar de aluno é na escola, uma escola que valorize seus alunos, que busque formar seus alunos de maneira prazerosa e feliz. Por isso, Francisco acredita

que cancelar as aulas não contribui para a formação de seus alunos. Isso não quer dizer que ele seja contra o posicionamento dos profissionais da educação em relação à política atual, ao plano de carreira dos professores, mas para ele tais paralisações pioram a situação de baixa aprendizagem de seus alunos, que estão em primeiro lugar. Não podemos deixar de ressaltar a identidade assumida pelo próprio professor quando se diz um professor-pesquisador. É claro que ser um pesquisador não é simples, mas nosso sujeito vai mostrar que além de pesquisar a própria prática e a aprendizagem dos alunos através de oficinas, vai buscar em parcerias com a universidade legitimar seu conhecimento e os resultados de suas estratégias. Tal fato revela uma maturidade teórica e prática de um professor que, como mostrará o próximo episódio, quer que seus colegas – professores e pesquisadores – percebam que é possível fazer diferente/diferença.

6º Episódio: O Professor-Pesquisador

- No dia 04 de abril Francisco conversa com a Universidade, mais especificamente com licenciandos em estágio supervisionado e bolsistas de extensão e iniciação científica de um grupo de pesquisa com quem vem desenvolvendo seu projeto pedagógico na escola:

Fala Crianças, to querendo escrever um artigo sobre a importância do uso de oficinas pedagógicas e a nossa interação na formação inicial de vocês, para tal acho que seria interessante que cada um escreva sobre as atividades que participaram... O que gostaram o que foi diferente, o que não foi legal, as vantagens de se utilizar desta metodologia... Quero mostrar para o Brasil que essa metodologia tem vantagens para todos os níveis, para a formação inicial e continuada do professor, por existir troca entre a universidade e a escola via estagiários, ou mesmo entre o museu e a escola... colabora para uma formação inicial que valorize a participação ativa de nossos alunos em atividades coletivas como nossas oficinas.... Podemos também ressaltar as perturbações que este tipo de estratégia causa no interior da escola [...] Enfim temos muita coisa para escrever, não sei se conseguiremos abordar tudo num artigo, mas vamos lá [...] POR UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE, para todos.

Para finalizar, ao mesmo tempo em que planeja e realiza atividades na escola, Francisco conversa com a Universidade e propõe que algumas de suas ideias se tornem artigos para serem apresentados a um público educacional mais amplo, demonstrando que vê sentido no que faz e percebe as contribuições disso na e para a formação inicial dos licenciandos da universidade onde se formou e com a qual mantém parceria. Tal discurso mostra a capacidade de um professor se tornar um pesquisador e analisar a própria prática de forma crítica: “No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (Freire, op. cit., p. 29). Além disso, seu desejo é compartilhar com os pares (o Brasil) os resultados alcançados com a luta teórica e prática para mudanças no atual quadro da Educação.

Considerações Finais

Podemos ressaltar que nosso sujeito assume seu papel de líder insistindo na necessidade de avaliar as práticas tradicionais fragmentadas e promover integrações e articulações. A mediação feita pelo professor se dá tanto junto a seus alunos como aos colegas da escola, buscando prover os estudantes de recursos relevantes. Podemos concluir que, para além das diretrizes e orientações legais, a intenção de nosso sujeito reside na tentativa de construir, democrática e coletivamente, práticas diferenciadas que levem em conta aprendizagens significativas, não somente de seus próprios alunos, mas de todos os alunos da escola em que atua. Para isso, ele se

coloca como líder incentivador e facilitador do processo de mudança, entendendo-a como de toda a escola. Além disso, Francisco percebe que para mudar é preciso que todos, professores, alunos, direção, caminhem juntos e faz esse movimento, buscando caminhos que transformem a escola onde trabalha e a realidade de seus alunos. Para ele, é preciso que aluno entenda o motivo pelo qual vale a pena estudar e qual o significado disso em sua vida. Mesmo com apoio de poucos, nosso sujeito não se cansa e continua implementando projetos e estratégias que motivem e valorizem os alunos e que por motivos variados não vê seus interesses serem compartilhados, chegando até a incomodar grande parte dos professores. Ao constatarmos que Francisco valoriza um ensino baseado no dialogismo e na democracia em sala de aula como prática para o exercício da cidadania plena de seus alunos dentro e fora dela, contando com participação dos alunos, estamos continuando a acompanhar os passos dados por ele para a agregação paulatina dos professores em projetos que levem à conscientização e emancipação de todos na escola.

É um prazer agradecer ao amigo Roberto Moreira Xavier de Araújo pelas valiosas discussões acerca do Ensino de Física e suas implicações filosóficas, políticas e pedagógicas.

Referências Bibliográficas

AMARAL, E. M. R. e MORTIMER, Eduardo F. Uma metodologia para análise da dinâmica entre zonas de um perfil conceitual no discurso da sala de aula. In: F. M. T. dos Santos; I. M. Greca. (Org.) *A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias*. Unijuí: Editora Unijuí, 2006, v. , p. 239-296.

BONNEWITZ, P. *Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, P. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CATANI, A. M., CATANI, D. B., PEREIRA, G. R. de M. As apropriação da Obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 15 n. 001. Universidade do Minho: Braga, Portugal, 2002 p. 5 – 25.

CUNHA, M. I. da, A construção do conhecimento na prática pedagógica do professor do ensino superior IN: Marin, A. J., Silva, A. M. M. e Souza, M. I. M. de (orgs) *Situações Didáticas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

DUARTE, M. Y. M., Estudo de caso IN: Duarte, Jorge e Barros, Antonio (orgs) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura, 39ª Ed. edição especial – 2009).

GUIMARÃES, V. S. *Formação de Professores: saberes, identidade e profissão*. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MÉSZÁROS, I. *A Educação para além do Capital*. São Paulo: Boitempo Editora, 2005.

PEREIRA, G. R. de M.. *A arte de se ligar às coisas da cultura: escola e lei de retorno do capital simbólico*. *Educ. Soc.* [online]. 1997, vol.18, n.60, pp. 36-50. ISSN 0101-7330.

PÉREZ GÓMEZ, A. I., Compreender o Ensino na Escola: modelos metodológicos de investigação educativa IN: P. G., A. I. e Sacristán, J. G. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Artmed, 1998.

QUEIROZ, G. R. P. C. e ARAÚJO, R. M. X. de. Currículos, Disciplinas e Programas: Os Ensinos de Física e Suas Filosofias. In: *XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física*, Rio de Janeiro, 2005.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.